NOTÍCIAS | ANO XIV | RIO DE JANEIRO | JULHO 2015

FEBRAPSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[54]

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR

ARTIGO
Escassez de sonhos em uma sociedade de excessos
de Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis
PÁGINA 07

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA
Brincar/sonhar na infância
com Ingeborg Magda Bornholdt
PÁGINA 09

ENTREVISTA
O Sofrimento à Luz da Antropologia
com Ceres Víctora
PÁGINAS 10 e 11

XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise:

SONHO/ATO: A REPRESENTAÇÃO E SEUS LIMITES

PÁGINAS 04 e 05

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Queridos Colegas!

Aloysio Augusto D'Abreu
PRESIDENTE

Nosso Congresso se aproxima, faltam apenas alguns meses, e estamos trabalhando intensamente. São numerosos os detalhes que se evidenciam e que não podem ser postergados: a distribuição dos espaços para as várias atividades científicas, as apresentações de temas oficiais e livres, as plenárias, os *Working Parties* e outros mais.

Acrescentem-se a eles a organização das atividades de abertura, o jantar de encerramento e as negociações com prestadores de serviços que darão suporte às várias atividades do Congresso.

A organização da programação científica não tem dado descanso à equipe comandada por Daniel Delouya, que está trabalhando intensamente.

Nosso administrador Karel Ublo e nossa secretária Renata Lang, têm se mostrado incansáveis em encontrar soluções para as dificuldades que naturalmente surgem no campo administrativo e financeiro.

O Comitê Local encarregado das várias atividades culturais e sociais que ocorrerão durante o Congresso, através de um trabalho de pesquisa e avaliação de locais e atividades, tem procurado propiciar o melhor para o entretenimento e descanso dos congressistas.

As soluções vão sendo encontradas, com alegria e satisfação. Todas estas tarefas estão tendo o acompanhamento e supervisão do Conselho Diretor. Estamos convencidos de que, com a colaboração desta apaixonada plêiade de companheiros, poderemos realizar um ótimo Congresso!

Esta será a oportunidade de presenciar e participar dos trabalhos apresentados e, principalmente, trocar ideias sobre nosso trabalho clínico e pensar a psicanálise como ela se apresenta na atualidade, com seus progressos e desafios.

E são muitos os desafios que encontramos: diversos pensamentos teóricos incompatíveis entre si; introdução de alterações na técnica, consideradas como adaptações aos tempos atuais e criticadas por muitos como não sendo psicanálise etc.

Apesar das divergências existentes entre nós no campo teórico e na técnica, há um espaço em que podemos dialogar. Este espaço é o do trabalho clínico, como o dos *Working Parties*, que surgiram como um espaço privilegiado para discutirmos a clínica, onde as opiniões podem divergir, mas ao mesmo tempo, todos buscam um entendimento.

Os diretores científicos das várias filiadas encontraram um amplo e atual tema para o **Congresso sonho / ato: a representação e seus limites**. A riqueza e abrangência do tema permitem receber tanto trabalhos voltados para a clínica e para a teoria psicanalítica como também trabalhos voltados à compreensão do momento que vivemos no mundo atual: a violência, a maldade sem limites e sem razão, a corrupção, as desigualdades etc.

É oportuno lembrar que o Congresso acontecerá em São Paulo, a mais rica cidade cultural do país, com seus inumeráveis museus, exposições, teatros etc., sem se esquecer da sua famosa gastronomia.

Não podemos deixar de realçar a oportunidade que os congressos proporcionam para encontrar amigos e colegas que somente nestas ocasiões podem estar juntos, em decorrência de suas ocupações ou das distâncias geográficas. Não pensemos nestes encontros apenas como uma oportunidade de conversar sobre psicanálise, mas também conversar sobre nosso dia a dia, nossas preocupações, alegrias e satisfações.

Quando se fala de uma psicanálise brasileira devemos lembrar, também, das peculiaridades locais de nossa atividade. Torna-se enriquecedor quando, através destes encontros, sabemos de peculiaridades da prática da psicanálise nas diferentes localidades de nosso país.

Quero salientar que sua participação será parte da importância e riqueza deste Congresso. Contamos com sua presença!

EDITORIAL

Prezados colegas,

Nossa atividade de psicanalista é exercida, predominantemente, de forma individual na relação com cada um de nossos pacientes, em cada uma de suas sessões. Por isso, dedicamos muito de nosso tempo extra à participação em atividades coletivas como grupos de estudos, encontros científicos nas instituições a que cada um de nós pertence, debates com profissionais de outras áreas do conhecimento humano etc. E agora estamos próximos de nosso evento maior, o Congresso Brasileiro de Psicanálise, que como todos sabem realizar-se-á em São Paulo, de 28 a 31 de outubro, quando cada um de nós terá a oportunidade de ampliar o horizonte através do encontro com colegas de todas as regiões do país.

Um evento desse porte não é um ponto no tempo e sim o resultado final de um longo processo de elaboração. A começar pelo tema central. "Ato/Sonho: a representação e seus limites" é um tema concebido como uma espécie de linha do tempo que procurou unir o centenário dos textos metapsicológicos de Freud com as questões que permeiam a clínica psicanalítica contemporânea, na qual temos tido experiências com pessoas para quem o recurso às representações não tem sido suficiente para dar conta da tramitação dos conteúdos psíquicos e emocionais.

A natural apreensão que toda Comissão Organizadora sente ao lançar o tema de um congresso desvaneceu-se com a resposta que obtivemos dos membros de todas as federadas, os quais se mobilizaram para enviar sugestões de temas para os debates nas diversas modalidades de atividades de nosso evento.

Zelig Libermann
EDITOR

E como não poderia deixar de ser, as diversas matérias e textos desta edição do FEBRAPSI Notícias são dedicados ao tema "Sonho/Ato: a representação e seus limites", visando a apresentar uma avant-première das ideias que estarão em debate durante o Congresso. Contamos com sua presença, pois temos a convicção de que o Congresso contribuirá, uma vez mais, para o fortalecimento da psicanálise brasileira.

Desejamos a todos uma boa leitura!

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Zelig Libermann
Editora Associada: Katia Wagner Radke
Comissão Editorial: Elisabeth Meyer Wolf e Sandra Regina Wolffenbüttel.
Jornalistas Responsáveis: Ana Klein DRT/RS 8741
Vera Nunes DRT/RS 6198

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst - CLEMENTE DESIGN
Impressão: Gráfica Camaleão

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise
Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704
RJ - CEP 22020-001
Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138
email: febrapsi@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br

Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas para jornal@febrapsi.org.br

Nossa foto de capa é do fotógrafo Felipe Secco Richter | felipesrichter@yahoo.com.br

RESPONSABILIDADE SOCIAL *em debate*

Na manhã do dia 25 de abril, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), recebeu profissionais de todo o Brasil para dar continuidade à discussão iniciada em julho de 2014, em Porto Alegre, sobre a Responsabilidade Social das instituições federadas da FEBRAPSI.

Na composição da mesa que coordenou os trabalhos estavam o Presidente da SBPRJ Miguel Calmon Almeida, o Diretor de Graduação da Faculdade de Medicina da UFRJ, Sergio Zaidhaft e a psicóloga do CAPS, Paula Freitas Ramalho da Silva, membro aspirante da SBPSP.

Também participaram os representantes do Ministério da Saúde, Marcelo Pedra e Cláudio Barreiros, que mapearam as ações reguladas pela Constituição Federal para a saúde apresentando possibilidades de parcerias com as instituições psicanalíticas. Ao descrever as diretrizes do Ministério da Saúde sobre estratégias para os programas de políticas públicas na atenção à saúde, como por exemplo, no programa "Consultórios de rua", o psicólogo Marcelo Pedra, Diretor de Assistência Básica, falou sobre uma demanda de parcerias entre instituições psicanalíticas e o Ministério com o objetivo de qualificar profissionais envolvidos em programas de atenção à saúde mental.

Paula Freitas Ramalho da Silva (SBPSP), integrante do CAPS Itapeva (Centro de Atendimento Psicossocial) na cidade de São Paulo, descreveu sua experiência como participante de programas como as oficinas de ressocialização e geração de renda, nos quais pessoas com doenças de longa evolução têm acesso a formas de cultura e lazer além de realizar atividade profissionalizante.

Miguel Calmon Almeida (SBPRJ) comentou sobre a necessidade da exploração de alternativas, dentro do conhecimento psicanalítico que possam ser disponibilizadas nesses programas de responsabilidade social. Sergio Zaidhaft, responsável pela reforma curricular do ensino médico da UFRJ, ao falar sobre a superespecialização dos profissionais de saúde, questionou o papel das instituições psicanalíticas nesse momento em que se discute a (re)humanização da relação médico-paciente.

REPRESENTANTES DO MINISTÉRIO DA SAÚDE PARTICIPARAM DO EVENTO

O encontro foi considerado bastante rico, deixando a vontade de reunir o grupo novamente para continuar na busca de estratégias psicanalíticas com variadas parcerias a fim de dar conta do complexo adoecimento contemporâneo. Para o grupo fica a percepção de que uma centelha mostra que as instituições psicanalíticas talvez possam estabelecer laços com um social que chama os psicanalistas, que os convoca a pensar na sua existência como atores e não mais como espectadores neste cenário tão desafiador com que se defrontam e para o qual têm alguma contribuição a oferecer.

ASSEMBLEIAS GERAIS DE DELEGADOS PROMOVEM MUDANÇAS

No dia 25 de abril o Rio de Janeiro foi palco da Assembleia Extraordinária da FEBRAPSI, que reuniu Delegados de todo o país. Na pauta a nomeação da Comissão Eleitoral constituída por Helena Ardaiz Surreaux (SBdePA), Marisia Abrão (GEPG) e Jose de Matos (SPRJ). A próxima Assembleia (que será eleitoral) está agendada para o dia 28 de novembro em Fortaleza. O evento contou com a presença dos então candidatos ao Board da IPA, Claudio Rossi (SBSP) e Sérgio Lewkowicz (SPPA), que, junto com outros cinco representantes da América Latina, foram eleitos para essa função, em um processo eleitoral finalizado em 31 de maio de 2015.

No mesmo dia e local foi realizada a Assembleia Extraordinária de Delegados para tratar da homologação da mudança na redação do Art. 45 do Estatuto. "A razão da convocação de uma assembleia extraordinária, conforme reza nos estatutos desta Federação, é a mudança de estatuto", explicou o presidente Aloysio D'Abreu. Assim, depois de muita reflexão, o grupo optou por unanimidade pela extinção da Diretoria de Relações Exteriores, que será denominada "Comunidade e cultura" já a partir da próxima gestão.

O artigo 46 aborda as atribuições do novo diretor. "Cabe ao Diretor de Comunidade e Cultura coordenar e articular as relações entre a Federação Brasileira de Psicanálise e entidades psicanalíticas, culturais e sociais do Brasil, contemplando os princípios de Responsabilidade Social". Está ainda entre as atribuições do diretor, estimular as federadas a realizar atividades de cunho social e a buscar condições materiais para realização dos projetos. O Diretor de Comunidade e Cultura escolherá representantes das federadas para auxiliá-lo na realização dessas atividades, após consulta aos presidentes.

Atividades preparatórias do XXV CONGRESSO BRASILEIRO *Sonho/ato: a representação e seus limites*

As atividades preparatórias do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise visam a elaboração do pensamento ao redor do tema do evento nas respectivas federadas e o incentivo de profissionais interessados nas diferentes regiões em participarem do Congresso. Para o diretor científico da FEBRAPSI, Daniel Delouya, "essas jornadas, na maior parte dos casos articuladas entre as diretorias científicas das federadas e a da FEBRAPSI, contaram com a presença de toda a Diretoria da Federação, consolidando os elos dela com suas federadas e estimulando o público interessado em se juntar eventualmente aos projetos de formação de nossas instituições".

A promoção científica do Congresso iniciou-se já no segundo semestre de 2014 em Aracaju, Goiânia, Recife e na SPRJ de Rio de Janeiro. Sonhos no divã, Diversidades sexuais; Sonho/Ato; desdobramento da psicanálise na clínica atual e Do ato ao sonho foram os respectivos temas debatidos nas jornadas preparatórias das respectivas federadas.

Já neste primeiro semestre de 2015 uma maratona de jornadas preparatórias foi realizada em diversas regiões do Brasil:

CURITIBA

Evento preparatório para XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise

PORTO ALEGRE

Na SPPA, *O fracasso do sonho e a cultura do ato*;

Na SBP de PA, *A construção da representação. Caminhos e descaminhos.*

RIBEIRÃO PRETO

Sonhações

RIO DE JANEIRO

Evento conjunto das três federadas de *Sonho/Ato: A representação e seus limites. Relatos selvagens.*

SÃO PAULO

Sonho/Ato. A representação e seus limites.

Outros eventos estão sendo programados para o segundo semestre em Florianópolis, Uberlândia e no Nordeste. "O Congresso e seus eventos preparatórios têm grande importância no aprofundamento do conhecimento psicanalítico e sua difusão no Brasil", conclui Delouya.

Comemorações dos 60 ANOS DA SPRJ

Em 27 de março de 2015, a SPRJ abriu o Ano Comemorativo dos 60 anos de existência da entidade recebendo o presidente da FEBRAPSI, Aloysio D`Abreu, a diretora científica da FEPAL, Maria Leticia Neves, o presidente do GEPMG, Sérgio Kehdy, a presidente da SPMS Maria de Fátima Chavarelli, e membros e amigos da Sociedade.

Nos primórdios da psicanálise no Rio de Janeiro, na segunda década do século passado, psiquiatras, neurologistas, especialistas em medicina legal, apresentavam trabalhos, faziam conferências, defendiam teses de doutorado apoiados nas ideias psicanalíticas advindas de publicações de Freud.

Em 1948, Ernest Jones indicou dois analistas europeus para fundarem núcleos de psicanálise no Rio de Janeiro. Em 1950, um dos analistas separou-se do núcleo inicial e foi fundado o Centro de Estudos Psicanalíticos do Rio de Janeiro patrocinado pela Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Em 1953, o CEP foi reconhecido pela IPA como Grupo de Estudos contando com Werner Kemper e Kattrim Kemper, Celestino Prunes, Luiz Guimarães Dahlheim, Fabio Leite Lobo, João Marafelli Filho, Gerson Borsoi, Inaura Carneiro Leão, Inês Besouchet, Zenaira Aranha e Noemy Rudolfer.

No XIX Congresso Psicanalítico Internacional em Genebra, em 1955, o CEP foi aceito como sociedade componente da IPA e, em 29 de setembro, realizou-se assembleia dos membros aprovando os estatutos que fundavam a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Em 1958, nos moldes da Clínica Social de Berlim, foi fundado o DAP para o tratamento psicanalítico a preços módicos e disponibilização de casos clínicos para candidatos em formação psicanalítica. A partir da SPRJ, foram implantados novos núcleos psicanalíticos em Porto Alegre, Recife, em conjunto com a SBPRJ, Campo Grande e Belo Horizonte.

A SPRJ teve, até hoje, 43 turmas de formação analítica. O corpo discente, cada vez mais participativo no Instituto de Estudos Psicanalíticos (IEP) é o resultado de todo investimento cultural, profissional e afetivo naqueles que estarão comemorando o primeiro centenário em 2055.

Em 2011, numa Assembleia foram admitidos quase todos os membros e candidatos da APRio 3 em dissolução, preservadas as qualificações até então obtidas. Deve-se destacar que esta situação é única na história da IPA.

Atualmente a sede está albergando as comemorações que terminarão em outubro em evento que disporá de todos os espaços da casa. A reforma gradual da sede está em andamento e, ao final, todo o prédio terá sido restaurado. Também foram atualizadas a comunicação visual da entidade com a criação de uma logomarca para marcar os festejos.

FEBRAPSI XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

O evento recebeu quase 200 trabalhos com propostas de apresentações de temas-livres e pôsteres

Cidade cosmopolita, que abriga expressões de várias etnias, São Paulo se destaca, cada vez mais, pela variedade de opções gastronômicas, expressões culturais e artísticas

Na Capital paulista podemos encontrar lugares típicos de inúmeros países, permitindo uma espécie de volta ao mundo da gastronomia, em ambientes que variam de restaurantes sofisticados aos tradicionais botecos. Seus museus e galerias abrigam uma infinidade de expressões artísticas com exposições e mostra de artistas nacionais e estrangeiros, clássicos e contemporâneos. Não menos intensa é a programação de seus teatros e a variedade de seus parques.

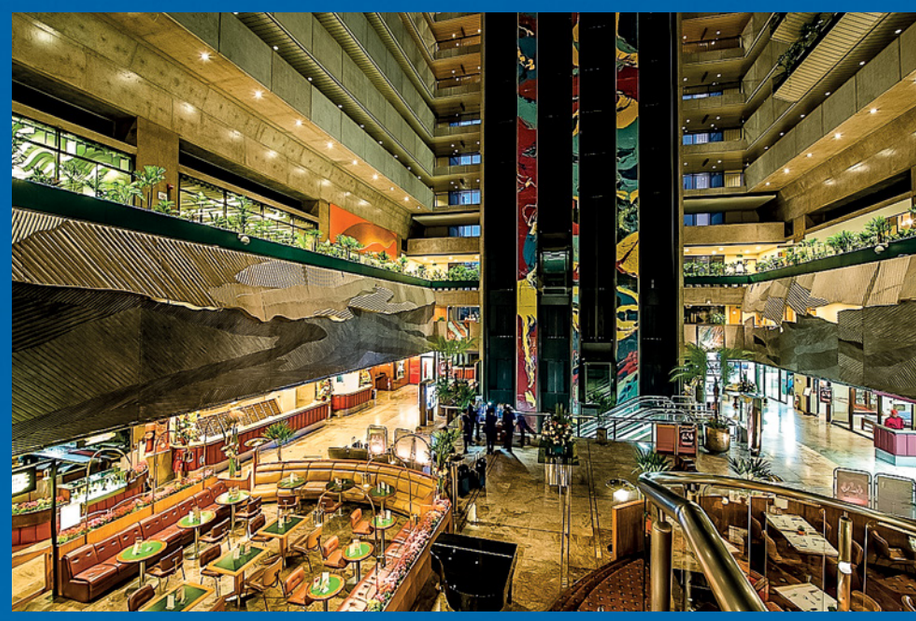
E é com toda essa variedade que conviverão os participantes do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, a ser realizado entre os dias 28 e 31 de outubro de 2015, no Centro de Convenções do Hotel Maksoud Plaza.

E não menos intensa será a programação do evento!

Desde março de 2014, a Comissão Organizadora, formada pela Diretoria da FEBRAPSI e pelo Comitê local da SBPSP, tem desenvolvido seu trabalho visando a que essa edição do evento se inclua na tradição de sucesso que tem marcado a história do Congresso.

O tema "Sonho/Ato: a representação e seus limites" despertou o interesse dos membros da FEBRAPSI e de profissionais de outras instituições da área psi, o que pode ser medido pelo grande número de pessoas que já efetuou sua inscrição.

E principalmente pela quantidade de sugestões de temas e nomes de colegas para a composição das várias modalidades de atividades que serão desenvolvidas no Congresso, cujo conjunto mobilizará um grande número de pessoas. Para se ter uma ideia, só a categoria temas-livres e pôsteres recebeu aproximadamente 170 propostas de apresentação.



Hotel Maksoud Plaza
São Paulo/SP

Frente a essa mobilização, a Comissão Científica tem trabalhado intensamente para organizar um Programa Científico que contemple o maior número possível das sugestões enviadas. De acordo com Daniel Delouya, Diretor Científico da FEBRAPSI, tendo em vista a complexidade envolvida nesta composição, o cronograma das atividades ainda está em fase de elaboração. Além das atividades já consagradas nos Congressos, como mesas-redondas, espaços de reflexão, exercícios clínicos, cursos, temas-livres e pôsteres, nesta edição do Congresso, em comemoração ao centenário dos textos metapsicológicos de Freud, haverá a realização de Plenárias sobre Metapsicologia. E contemplando uma área de ação que vem sendo incrementada pela FEBRAPSI e suas federadas, teremos Plenárias sobre Responsabilidade Social.

Como se pode perceber a partir desse relato sobre as atrações que encontraremos em São Paulo, uma vez mais o Congresso será o espaço privilegiado da psicanálise e dos psicanalistas brasileiros para o encontro afetivo e o debate de ideias.

ENTREVISTA

O congresso da FEBRAPSI 2015
VISTO NA SUA ORIGEM

Daniel Delouya
DIRETOR DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Para conhecer melhor o tema do Congresso 2015 e o seu processo de escolha, o FEBRAPSI Notícias entrevistou o diretor do Conselho de Coordenação Científica, Daniel Delouya, que está liderando a equipe de organização da programação científica do evento.

- **FEBRAPSI Notícias: Como surgiu a proposta do tema para o próximo Congresso da Federação?**
DELOUYA: Na escolha do tema seguimos um roteiro pré-estabelecido: convocamos, no início de nossa gestão, uma reunião junto aos diretores científicos de todas as federadas. O diretor científico da FEBRAPSI coordena a reunião na qual propostas são levantadas e discutidas até alcançar um consenso e uma formulação conjunta do tema. Como se percebe, o tema escolhido nunca destoa de um interesse que reflete as preocupações atuais da comunidade psicanalítica, embora seja impresso de nossas tradições. Depois de ter batizado o tema percebemos seus elos com os dos congressos da FEPAL (Realidades e Ficções, 2014), da CPLF (O Atual, 2014) e da IPA (O mundo em mudança, 2015), entre outros.

- **FN: Em geral, sonho e ato são considerados elementos opostos. Já a formulação sonho/ato desperta a ideia de articulação. Poderíamos considerar o encontro sonho e ato em uma perspectiva dialética, interdependente?**
DELOUYA: A oposição é aparente, o sonho é uma percepção/representação de um ato, da mesma forma que os afeto-experiência-vivência o são. O que indaga a psicanálise, nos palcos privado e público, isto é, na clinica e na cultura, é se o sonho, a representação e o pensar - e mesmo em suas "mal-formações" ou sofridas expressões (do inconsciente), pelos sintomas, inibições e passagens ao ato - constituem-se como prelúdios, preparativos, do ato, da ação a ser tomada. Ou, se certas configurações clínicas e culturais apontam para a necessidade de se voltar, em certo grau, para a construção do sonhar, da representação e do pensar. A perspectiva dialética entre sonho e ato tem, portanto, várias dimensões.

- **FN - O processo civilizatório permitiu a capacidade representacional/simbólica do ser humano. Porém, o senhor afirmou que "sublimação e os meios de retenção em prol da inclusão na civilização poriam limites econômicos às possibilidades de representação (...)". Podemos considerar que existe um paradoxo da evolução da humanidade?**
DELOUYA: Na psicanálise o "ser humano" é definido pela cultura, pelo processo civilizatório que o constitui. Winnicott colocou em evidência o paradoxo que define essa área do cultural. Entretanto, foi Freud quem nos alertou que esse processo coloca em cheque as condições econômicas, da junção pulsional, para os alcances da representação no sujeito. Ou seja, Freud, que o contemporâneo não desmente, se dá conta em certo momento que, para além das constituições singulares e individuais, a exigência cultural, em suas demandas retrativas de de-sexualização - identificatórias, simbólicas e sublimatórias - passa a ser destrutiva.

"O trabalho analítico se faz nas pegadas desse trabalho do objeto, em que a ação da linguagem do adulto sobre o corpo (em suas incitações) do recém chegado à cultura propicia formações, o psíquico, para a eventual diferenciação do sujeito."

- **FN - Sobre a cultura atual, o senhor situa o ato e a atuação em um espectro entre sintoma e criatividade em busca de subjetivação. Frente a essa visão, quais seriam os desafios da Psicanálise contemporânea?**
DELOUYA: A destrutividade exige uma responsabilidade, isto é, nos obriga a ser criativos. Nós, digo, a cultura e seus encarregados, os seres humanos. A psicanálise e os psicanalistas compõem a cultura e seus agentes. Estamos implicados! A criatividade se dá em pelo menos dois planos, e para os quais aludimos acima. A construção e/ou a re-construção do sonho, da representação e do pensar nos atenta para o aceite das formações intermediárias de suas expressões afetivas tais como Freud as tem concebido. Refiro-me aos sintomas como modalidades expressivas primeiras da implicação da cultura e seu mensageiro e administrador - o adulto, o próximo (nebenmensche) - sobre o corpo na construção psíquica. O trabalho analítico se faz nas pegadas desse trabalho do objeto, em que a ação da linguagem do adulto sobre o corpo (em suas incitações) do recém chegado à cultura propicia formações, o psíquico, para a eventual diferenciação do sujeito. Um caminho que vai desde o agito motor, expressões prefiguradas das emoções, passando pelas primeiras formas em sintomas e até os afetos das representações em sonho e no pensar. Os limites econômicos diante das exigências culturais demandam retomar modos de subjetivação nas quais o sintoma pode ser admitido no foro público do sujeito. No plano da cultura o aceite de uma variabilidade implica a inclusão de sujeitos, com expressões identitárias variadas, por exemplo, nas identidades sexuais, nas modalidades de família, de marcas até corporais de grupos de adolescentes, entre outros. Tudo isso deve propulsionar a psicanálise a repensar, ou seja, restabelecer os seus fundamentos.

- **FN - Quais os vértices propostos pelos psicanalistas brasileiros para debater o tema central do Congresso?**
DELOUYA: Os vértices propostos são a clínica, as configurações clínicas, a técnica psicanalítica, a reflexão sobre a formação, os fenômenos culturais.

www.congressofebrapsi.org.br

Escassez de sonhos em UMA SOCIEDADE *DE EXCESSOS*

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis
MEMBRO EFETIVO E ANALISTA DIDATA DA SBPRP
E MEMBRO ASSOCIADO DA SBPSP

Conta-se que um grupo de executivos prospectava áreas em uma floresta visando a um empreendimento imobiliário. Para isso pediram o auxílio a um índio, que conhecia bem o terreno. Durante a caminhada, o índio, sem dar explicações, sentou-se sob uma árvore. Os executivos esperaram um tempo. Como tinham tarefas e prazos a cumprir, resolveram apressá-lo: "Precisamos retomar a caminhada!", ao que o índio respondeu: "Preciso esperar minha alma chegar!"

Gosto muito dessa história porque ela nos lembra que o tempo da alma, ou o tempo dos sonhos, é diferente do tempo das tarefas, dos prazos e horários cotidianos. O trabalho da alma requer redução de movimentos, recolhimento, silêncio, espera e tolerância. A escultura "O Pensador", de Rodin, pode ser vista como expressão clássica disso. A postura sentada sugere a inibição de movimentos, necessária à atitude reflexiva; a curvatura da figura sinaliza a interiorização, o movimento em direção a si mesmo; a sustentação da cabeça pelo braço indica a localização do trabalho no processo de pensar. Pode-se pensar em tal configuração também no setting psicanalítico. O paciente é convidado a deitar no divã, propiciando o movimento em direção a si mesmo. O ambiente, silencioso para ruídos externos, favorece a escuta interior, convida à intimidade. A opacidade do sensório, como ensina Bion, é caminho que leva à alma. Fechar os olhos para ver melhor; fazer silêncio para apurar a escuta. Ora, se o trabalho de elaboração mental demanda recolhimento, a agitação no mundo de hoje não favorece os sonhos.

No cenário contemporâneo categorias básicas como tempo e espaço sofreram alterações significativas, especialmente a partir da Revolução da Informática. O tempo, considerado em sua dimensão subjetiva, ganhou aceleração. Paira no ar um sentimento de urgência: o fazer rápido, instantâneo, semelhante aos instrumentos tecnológicos, em que a um simples toque, muito se faz acontecer. Assim, o imediatismo se impõe; o tempo de espera para o acontecimento aproxima-se do zero. Expressões como "a correria da vida", "estou sem tempo", "o ano está passando depressa", são constantes no cotidiano. O espaço também sofreu mudanças. Uma pessoa no outro lado do mundo parece incrivelmente perto: podemos vê-la em seu ambiente, falar com ela, participar dos acontecimentos naquele momento de sua vida. A tecnologia cria comunicações tão instantâneas, que temos a impressão de que estamos uns ao alcance dos outros, a qualquer tempo e em qualquer espaço.

Tais novidades geram excesso de estímulos que invadem nossas mentes e podem seguir caminhos de elaboração, quando há recursos disponíveis para isso, ou de expulsão (espécie de vômitos em atuações). Conceitos provenientes da teoria do trauma tratam sobre a invasão de estímulos, que provocam rupturas e esgarçamentos no tecido mental. Diante de experiências de excesso, processos de restauração e cicatrização são ativados, lembrando tessituras artesanais, que se fazem ao longo do tempo. São do campo da representação, do estabelecimento de ligações e de construção de significados. Trata-se de reunir o que está disperso e integrar o que está fragmentado. Ora, elaboração mental de experiências emocionais exige espera, tolerância à falta, convívio com a incerteza, contato com dor mental: um processo delicado que não acontece em um toque, como dita o ritmo frenético do mundo contemporâneo. Por outro lado, sem recursos de cicatrização disponíveis, há risco de transbordamento para atuações, hiperatividade, somatizações etc. Tal como uma hemorragia pode levar à morte física, o transbordamento mental pode levar à morte psíquica, uma vez que não constitui interioridade.

É aí que se encontra o paradoxo da contemporaneidade: excesso de estímulos, escassez de recursos para sonhá-los. As imagens prevalecem sobre a narrativa e convidam a ver mais do que a refletir. Assiste-se a uma espécie de consumo de imagens, que se sucedem diante dos olhos, sem qualquer convite à construção de sentido. Para contrastar, penso na arte contemporânea – provocativa – que incita indagação e movimenta o pensar. Ao criar inquietude, a arte abre o campo para a busca de novos sentidos e vínculos inusitados entre elementos diversos. Tais são os processos de elaboração, de construção de sonhos.

Da mesma forma, o ruído excessivo oprime o silêncio reflexivo. Se não há pausa e não há falta, não há campo para constituição de interioridade. Com o ruído externo prevalente e ininterrupto, a escuta de si mesmo fica escassa. Lembro os filmes de Bergman, em que se vê uma sucessão de silêncios, de rostos demoradamente focalizados, a buscar a interioridade de cada um. Os diálogos extensos e profundos convidam a entrar na intimidade dos personagens, criando um campo propício para experiências emocionais significativas que se tornam alimentos para a alma, incitando o sonhar e, assim, constituem subjetividade. Quando a vida, ou o filme, é um suceder desvairado de ações e ruídos, a descarga na exterioridade pode prevalecer sobre a condução à interioridade.

Assiste-se ao excesso de exposição e escassez de intimidade. A intimidade é produto de envolvimento com o mistério e o desconhecido que cada outro nos propõe. O que move o espírito é a insaturação. Assim, a exposição permanente, em que tudo é registrado, conhecido e compartilhado não cria campo em que subjetividades se encontram, se desafiam e se criam. Tal situação pode levar a interações interpessoais na forma de relações de consumo em lugar da construção de sentido. A subjetividade sofre um esmagamento. A adição desmedida a medicamentos é exemplo disso. Cria-se a ilusão de que os problemas se resolvem sem a participação do sujeito, sem o tecer laborioso de pensamentos que o enfrentamento dos conflitos exige. A busca é pela medicação "salvadora", que inclua as máximas contemporâneas de rapidez e eficácia. O sujeito torna-se, assim, consumidor de soluções e não produtor de sentido. Fica excluída a relação Eu – Outro do processo de restaurações das rupturas.

É diante de tais ameaças ao espaço de sonho e à constituição da subjetividade, que a Psicanálise se fortalece. Ela é acompanhada por outras áreas do saber: as artes, a educação, as letras. São locus privilegiados de resistência às ameaças à constituição da interioridade. Profissionais destas áreas são detentores de saberes preciosos a serem usados na luta contra diferentes formas de ataque ao pensamento, à literatura, à poesia, ao conhecimento e à arte. Somos uma espécie de guardiães da subjetividade. Somos especialistas em intimidade, conversa, escuta, silêncio, envolvimento, hospitalidade ao outro que se nos apresenta. Todos esses, elementos escassos em nossos dias. É o modelo artesanal que rege o ofício do analista: o cuidado com cada um em especial, a valorização da singularidade, a tessitura pacienciosa de cada esgarçamento de relações, o bordado delicado de cada condição de sonhar, o contato íntimo com cada subjetividade que nos procura. A Psicanálise se apresenta como voz importante em meio ao risco, próprio da sociedade de excessos, de que a agitação a que somos convidados a participar, nos roube a condição sonhante que nos humaniza.

Revista Brasileira de Psicanálise TRAZ NOVIDADES EM 2015

Em 2015 iniciou-se uma nova gestão na Revista Brasileira de Psicanálise, sucedendo ao psicanalista Bernardo Tanis e sua equipe.

A nova proposta é manter a vocação pluralista que sempre pautou essa publicação, reiterando o valor da clínica como fio condutor para o desenvolvimento de conceitos e teorias psicanalíticas. "Entendemos que a Revista é um espaço privilegiado de reflexão das questões da clínica e para a clínica, aquelas com as quais todos nós nos deparamos diariamente em nossos consultórios, e que muitas vezes nos exigem pesquisa e elaboração", explica a editora Silvana Rea.

O leitor vai se surpreender com a releitura do projeto gráfico, bastante inovador quando de sua implantação, na gestão de Leopold Nosek. Respeitando a elegância do projeto original, bem como a identidade visual que marca a Revista, atualizou-se o design da capa e as seções ganharam novos nomes. Na parte interna a estrutura foi mantida mais próxima a de uma revista, com colunas duplas e espaço para anotações. "É nosso convite para que o leitor participe em diálogo com o texto, da mesma maneira que a Revista propõe o diálogo entre autores", salienta Silvana.

O primeiro número de 2015 terá como título "O homem do futuro, hoje", ligado aos questionamentos do Congresso Internacional de Psicanálise em Boston (2015), do qual serão publicados os keypapers. Nesse número se discute como o desenvolvimento tecnológico entra nos consultórios, seja por sua utilização pelo analista, seja pela transformação que ele efetua nas configurações subjetivas.

Entendemos que a Revista é um espaço privilegiado de reflexão das questões da clínica e para a clínica...

O tema do número seguinte será "Pesadelos"; os sonhos de angústia, e as experiências que se situam em uma região entre o terror inominado e as representações terroríficas. E na sequência, a proposta é pensar sobre "Irmãos".

Silvana destaca a importância da participação dos leitores. "Fica aqui, portanto, o convite a que todos colaborem, pois para que a Revista seja plenamente esse espaço de troca, precisamos que as reflexões em forma de texto cheguem até nós". E como o Brasil é um país de grandes proporções, com semelhanças e com significativa diversidade cultural, ela acredita que "a Revista pode oferecer a oportunidade para conhecer modos diferentes de trabalhar em contextos diferentes, ainda que sejamos todos psicanalistas e brasileiros".

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS REALIZA ENCONTROS

O primeiro semestre de 2015 foi intenso para a Associação Brasileira de Candidatos(ABC). Em março, o II Encontro Brasileiro da Associação Brasileira de Candidatos ocorreu em conjunto com o II Encontro dos Candidatos do Nordeste, em Fortaleza, no Ceará com tema "Sonhando a formação", reunindo Candidatos de todas as regiões do país. Dentre os apresentadores estavam membros da Internacional Psychoanalytical Studies Organization (IPSO), da Organização de Candidatos da América Latina (OCAL) e da ABC, que dividiram a experiência do trabalho nesses grupos, enfatizando a importância da participação nas instituições, que proporcionam o intercâmbio do fazer psicanalítico, além de ser uma valiosa possibilidade de ampliar a experiência da convivência e conhecimento. Participaram das mesas analistas didatas do Nordeste, Membros Associados e Candidatos. A Drª Carmem Mion, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, falou sobre sua trajetória psicanalítica, destacando as distinções da condição do candidato de ontem e de hoje, a importância que a instituição dá à formação e como propicia o contato com as diferenças. A editora associada da Revista Brasileira de Psicanálise, Cintia Buschinelli, falou sobre a escrita psicanalítica.

Ainda no primeiro semestre, no dia 27 de Junho, um encontro da Região Sul, em Porto Alegre debateu "A formação em expansão" com ênfase na Formação Psicanalítica baseada em um "modelo quadripartite", que coloca a importância de um quarto elemento essencial à formação de analistas: a capacidade de trabalhar com colegas e tornar-se parte integrante de atividades, de troca científica e da vida institucional, como uma permanente função constitutiva da identidade psicanalítica.

Para o segundo semestre, está previsto um encontro de Candidatos da Região Sudeste (15 de agosto, no Rio de Janeiro) reunindo os profissionais dos três institutos. "Na ocasião daremos continuidade ao processo de mudança da Sede da ABC para a cidade do Rio de Janeiro, para que já na próxima gestão esteja no espaço físico que nos foi gentilmente cedido, pela FEBRAPSI, em sua própria sede", explica a presidente da ABC, Miriam Altman. Em 28 de outubro será realizado o Pré-Congresso dos Candidatos na sede da SBPSP e no dia seguinte acontece a festa dos candidatos na Limelight.

Brincar/sonhar NA INFÂNCIA

Ingeborg Magda Bornholdt
MEMBRO EFETIVO E ANALISTA DE CRIANÇA E ADOLESCENTE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

"A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos... ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade...O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasias que ele leva muito a sério, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade". (Freud, 1907)

Para a criança, o brincar é como um sonho que ocorre em estado acordado. Facilmente ela mergulha para dentro do mundo imaginário que cria ao brincar. Não é "de verdade" dizem elas, "é de faz de conta". E nos cabe saber: "e é sério e importante". Vivido com prazer e alegria ou ainda, com importante enfrentamento de frustrações, perigos e ameaças, o brincar/sonhar está entrelaçado a intensas emoções. Ali a criança pode ser o que ela quiser. Pode editar e reeditar consciente e inconscientemente situações vividas, observadas, desejadas, temidas. Como no sonho, o brincar atravessa a atemporalidade, a simultaneidade e o deslocamento. Diferentemente deste porém, no brincar há grande permeabilidade consciente-inconsciente; ele acontece "entre", está no espaço transicional como Donald Winnicott, psicanalista de crianças inglês o descreveu. No sonhar/brincar há maior controle do ego e a noção do real não se perde. Ao contrário, ela se fortifica e implica importante trabalho elaborativo.

Se a menina de quatro ou cinco anos retorna da padaria e brinca que é o balconista que vira ali, ela pode, simultaneamente, se transportar e ser o balconista ou o próprio padeiro, pode ser a vó com quem fora de fato e pode criar com almofadas uma fila de pessoas que querem comprar pão. Pode ser cada personagem. O brincar pode se expandir mais e criar categorias de bem e mal. Pode fazer "bolos muito gostosos" para algumas almofadas/pessoas; tornando-se então mágica como a fada boa de histórias ancestrais ou a grande fonte alimentadora original, mãe. Simultaneamente, ela pode ser como a bruxa má maltratar outras almofadas/objetos para quem todo pão e bolo "terminaram" ou ainda, só tem "com sabão". Este pequeno, simples sonhar/brincar pode ampliar ainda mais se compartilhado com outra criança ou adulto que ingressa "de verdade" na fila imaginária. Torna-se uma atividade compartilhada e ainda mais satisfatória para a criança.

O brincar é um sonho que amplia o psiquismo infantil, fortalece as satisfações e ameniza sofrimentos e temores que podem ser melhor tolerados e contidos pela criança. Neste movimento a realidade e a compreensão do mundo se ampliam passo a passo na rota infinita de conhecimento. Para a criança aquilo que sonha/brinca está acontecendo, porém, ela sabe que é um faz-de-conta/ilusão. São fenômenos mentais estudados em profundidade por Winnicott. Este grande recurso natural que a criança saudável pode dispor tem em seu bojo identificações e elaborações complexas, fundantes de sua vida mental e de sua estruturação. Nos cenários oníricos bem como nos lúdicos, repetem-se situações internas e externas.

> *"Brincar na análise de crianças e livre-associações na do adulto se equivalem, assim como as inibições e dificuldades, as defesas e sofrimentos em pacientes de todas as idades."*

O sonhar/brincar é também uma via régia de acesso ao inconsciente, tal como Freud ensinou. Aliás, o brincar e as inibições para fazê-lo, formam a grande matéria na análise de crianças. Brincar na análise de crianças e livre-associações na do adulto se equivalem, assim como as inibições e dificuldades, as defesas e sofrimentos em pacientes de todas as idades. O sonhar/brincar insere em si fenômenos que vão da ação e descarga impulsiva até a complexidade de processos secundários e a produção de pensamentos. Os personagens e as cenas são catalizadores de sentimentos e representações dos objetos internos e externos, de pessoas, de situações experimentadas e fantasiadas. Os cenários lúdicos, desenhos e dramatizações são como obras de arte, situações quase mágicas e de grande importância no desenvolvimento daquela criança particular, daquela mente em construção.

Quando a criança brinca/sonha ingressa em um mundo onírico e criativo. Os cenários oníricos podem surgir como fascinantes e encantadores, escuros e tristes, assustadores ou tétricos, mas sempre são carregados de afetos. Os déficits desta capacidade podem manifestar-se em fenômenos como o tédio, o vazio, a desvitalização, a escassa curiosidade e pouca subjetivação. Há, então, maior evasão da dor psíquica com prejuízos na condição de integrar a personalidade. O ato tende a seguir como forma primária de descarga em prejuízo aos pensamentos.

O sonhar/brincar infantil e adulto surgem da permeabilidade entre o que está consciente e inconsciente. A criança sonha/brinca e assim realiza transformações e ampliações; em outras palavras, desenvolve seu psiquismo.

Nossa atenção, respeito, interesse e emoção com a complexidade do brincar/sonhar, obra de arte da mente infantil, traz satisfação e crescimento. Fortalece nossas próprias condições de sonhar. São contínuos movimentos para dentro de mundos imaginários, com fantasias de toda ordem e emergências para processos secundários.

Brincar é sério... e é divertido.

O sofrimento à LUZ DA ANTROPOLOGIA

O FEBRAPSI Notícias, dialogando com outros saberes sobre o comportamento humano, foi buscar na antropologia um olhar focado no sofrimento. A professora Dra. Ceres Víctora é pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em seu trabalho na área de Antropologia da Saúde, ela aborda principalmente temas como corpo, gênero, saúde, sofrimento social e ética.
Na entrevista ela traz interessante reflexão sobre o sofrimento e a violência. *Confira!*

Ceres Víctora
Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

FEBRAPSI: Seus trabalhos abordam o sofrimento como constitutivo do mundo social. Como, do ponto de vista da antropologia, este sofrimento seria produzido?
CERES: O primeiro ponto desta reflexão diz respeito ao entendimento de que o "mundo social" para a antropologia está referido a um conjunto de relações sociais em um tempo e um contexto. Não existe um mundo social genérico, em oposição a um mundo natural genérico, ao qual se refere um sofrimento e uma violência genéricos. O sofrimento e a violência convivem sempre em, e com, uma formação/condição histórica, social, econômica e política específica. São parte de combinações destes elementos – históricos, sociais, políticos e econômicos - em determinados tempos/espaços. Do ponto de vista da antropologia, sofrimento e violência são experiências sociais. Só que é preciso não perder de vista que este conjunto de relações sociais, a qual me referi como "mundo social", não são um todo auto-contido. São um sem número de micro-processos simultâneos que conformam uma realidade dinâmica, multifacetada, indeterminada e inacabada. O "mundo social", a "realidade", a "sociedade" como totalidades, mesmo que referidas a um tempo e espaço específicos são uma ficção. Um enquadramento, sempre temporário, de conjuntos de relações. O segundo ponto da reflexão diz respeito ao sofrimento e à violência não serem eventos extraordinários, no sentido de manterem uma relação de exterioridade com o fluxo da vida "normal". Existe uma inextricável relação entre acontecimentos extraordinários – sofrimentos, violências, desastres, crimes, catástrofes, terror, mortes - e a vida ordinária, na qual pessoas e relações sociais acontecem. Assim, o extraordinário está contido no mundo social ordinário e o constitui. As guerras, por exemplo, estão referidas a disputas sociais/ políticas/econômicas entre países/ grupos/ pessoas, que foram se acirrando dentro de um determinado contexto histórico. Assim, o sofrimento e a violência produzidos na trilha de uma guerra são da ordem daquele mundo. Mas afirmar que o sofrimento é produzido por certas condições ou relações sociais, institucionais, políticas, etc., ou por condições estruturais de violência, seria uma simplificação. É mais produtivo pensar numa dinâmica, na medida em que também o sofrimento produz relações sociais, que podem estar relacionadas à violência ou não. Estas relações vão motivar outros processos sociais, num movimento infinito de produção e reprodução. Não existe uma linha de causalidade direta que ligue condições sociais desfavoráveis a sofrimento. Por isso, em vez de causas e efeitos, faz mais sentido pensar em como o sofrimento e a violência integram o "mundo social" que é dinâmico, multifacetado, indeterminado e inacabado. Como antropóloga, tenho me ocupado não com o que produz o sofrimento, mas sim em refletir sobre como um acontecimento afeta a vida das pessoas. Como a vida social e individual continua após ter sido marcada por uma tragédia? Pego carona em problematizações que aprendi lendo a obra da antropóloga Veena Das para perguntar como se "habita um mundo" destroçado pela dor e pelo sofrimento? Como um acontecimento adentra a vida cotidiana? Como as comunidades produzem novos termos de consensos, dissensos, rupturas e reconstruções a partir de paradigmas rompidos? Tenho também perguntado sobre a apropriação política do sofrimento e sobre a medicalização das emoções.

FEBRAPSI: De que forma a antropologia trabalha a perspectiva do sofrimento a partir da dualidade sociedade-indivíduo?
CERES: Como uma ciência social, o foco da antropologia está nos processos, nas realidades que produzem e são produzidas pelas relações sociais. O estudo do sofrimento e da violência enfoca os contextos e as condições de produção e atualização dos mesmos, inclusive de produção da vítima e do perpetrador– sem atribuir previamente qualidades a esses sujeitos. Nessa linha, aborda-se também questões de construção de subjetividades em contextos de sofrimento e de violência; de produção social de emoções e de gramáticas emocionais que se formam e se transformam nesses contextos. Isso se relaciona com a disposição antropológica de pesquisar contextos morais locais onde fenômenos como a violência e o sofrimento adquirem sentidos e existência. Mesmo que a antropologia estude os humanos, os contextos que pesquisamos envolvem também "não-humanos" que estão implicados na condição e produção dos humanos e de suas relações com, e no, mundo. Por exemplo: as tecnologias, os animais não-humanos, os vírus e as bactérias, as políticas públicas. Isso pode

parecer estranho à primeira vista, mas faz sentido quando nos dispomos a perceber que as coisas, os objetos, as instituições produzem relações, influem nos comportamentos e nas ações sociais. Com relação aos estudos sobre sofrimento, é possível apontar uma diferença entre aqueles que enfocam temas relacionados a sofrimento, dor, doença, mal-estar e todo o tipo de aflição, e aqueles que trabalham com a perspectiva do sofrimento social. No primeiro caso, os antropólogos se interessam em adentrar a relação do sofrimento e da violência com diferentes aspectos da vida, como a religião, a medicina, a ciência, os grupos de ajuda-mútua entre outros. Já os estudos que tomam a perspectiva do sofrimento social partem explicitamente do pressuposto da indissociabilidade das dimensões físicas, psicológicas, morais e sociais do sofrimento; das esferas individual e coletiva; das dimensões pública e privada da vida; e da interpenetração dos tempos. O antropólogo trabalha com pesquisa e emprega a etnografia para o reconhecimento de contextos sociais. Esta abordagem dá grande ênfase ao trabalho de campo em profundidade e a um jogo de aproximações e distanciamentos com relação ao seu universo de pesquisa. Na maioria das vezes o campo do antropólogo é uma rede social, um grupo, um conjunto de relações envolvidas no determinado processo que está sendo investigado, mas ele pode ser também uma política pública. Nesse caso o campo é conjunto de documentos escritos que estão implicados em certas realidades–chama-se etnografia de documentos. Muitos antropólogos realizam trabalho acadêmico, mas, observa-se cada vez mais profissionais trabalhando em órgãos públicos e ONGs. Nessas posições acessam a questão do sofrimento e atuam de maneira a mediar conflitos, produzir laudos e representar grupos sociais que estejam envolvidos em condições de sofrimento. Sobre a dualidade sociedade-indivíduo e suas múltiplas relações, é bom lembrar que se trata de um tema fundamental e em certo sentido fundante da antropologia, pois ao tomar o Homem como objeto de reflexão, tomou para si a tarefa de tentar conciliar a unidade biológica da espécie com a diversidade das formas de vida sociais do humano. Uma maneira de dar conta disso é pensar que, dentro desta unidade biológica, o Homem é tremendamente maleável e cria comportamentos diferentes para se adaptar aos diversos ambientes sociais/naturais. Em relação à questão do sofrimento poder-se-ia sugerir que o Homem tem um "aparato" bio-psicológico próprio – distinto de outros animais – com capacidade emocional e cognitiva para sentir emoções, como o sofrimento. Diferentes sociedades se encarregariam de moldar as formas e os motivos de sofrer a partir da construção social do bem e do mal, do certo e do errado, etc. Entretanto, a antropologia é uma ciência inquieta e para enfrentar o estudo da realidade social em sua complexidade e indeterminação precisa estar aberta para rever também os seus pressupostos. O par indivíduo-sociedade, por exemplo, vem sofrendo questionamentos e reapropriações na medida em que surgem novas evidências empíricas, ou que evidências empíricas de trabalhos antropológicos mais antigos são revisitadas. Nesse sentido, a dualidade sociedade-indivíduo pode não ser o melhor ponto de partida para falar do sofrimento. O sofrimento social é uma abordagem que tem como ponto de partida as relações e as dinâmicas sociais e políticas. A antropologia social não tem preocupação, nem aparato teórico- metodológico que lhe estimule a adentrar o problema do sofrimento individual. As perguntas antropológicas são outras, mesmo que acessemos a realidade social através de entrevistas individuais, histórias de vida, e casos particulares que afetam e são afetados pelo emaranhado do mundo social.

FEBRAPSI: Qual o papel do tempo na perspectiva do sofrimento?

CERES: O tempo é um agente não-humano fundamental no estudo do sofrimento porque seu caráter de persistência pode ser transformador. O "tempo da burocracia", por exemplo, tem implicações negativas impressionantes nas vidas pessoas que esperam por direitos sociais e dependem de instituições públicas. Seria simples se referir à incompetência dos burocratas ou à má administração de gestores públicos cujas ações resultaram em sofrimento para a vida de alguém. Mas nos estudos sobre sofrimento, os burocratas, ou os gestores de políticas públicas podem ser tão vítimas e serem portadores de tanto sofrimento quanto aqueles que dependem da burocracia. As políticas públicas não são objetos neutros e sim atuam como se fossem "sujeitos", que embora não humanos, têm poder e agência e precisam também ser contemplados como parte do contexto do sofrimento. Quem é sujeito e quem é objeto torna-se difícil de definir.

O tempo é um agente não-humano fundamental no estudo do sofrimento porque seu caráter de persistência pode ser transformador.

FEBRAPSI: Em artigo você refere que "diferentes tempos e sociedades produzem certos tipos de sofrimento, que são experimentados no corpo (corporificados), na medida que o corpo é o '*locus*' de produção e atualização constante dos sentidos". Como o sofrimento se expressa em nossa sociedade?

CERES: Essa questão se apresentou para mim a partir dos dados das minhas primeiras pesquisas etnográficas no início dos anos 90, quando estudava imagens de corpo. Instigada por dados de pesquisa que me indicavam que o conhecimento sobre o corpo vinculava-se muito fortemente às sensações e experiências corporais em mundos morais locais, iniciei uma série de estudos relacionados ao problema filosófico da percepção. Uma fonte importante de inspiração para interpretar meus dados encontrei na fenomenologia de Merleau-Ponty, quando ele se refere ao corpo como aquele que faz a síntese entre a percepção e os sentidos. Também me influenciaram sociólogos e antropólogos como Bourdieu (com o conceito de corpo socialmente informado e com o de *habitus* que é corporificado); Csordas (o corpo como sujeito da cultura) e Fassim (corpo como presença no mundo que vive no lastro da história). Estes autores, embora tenham trabalhado com questões muito diferentes, tematizam a centralidade do corpo e a corporificação das experiências sociais. A expressão "corporificação do mundo" ("embodiment of the world") no título do meu artigo foi inspirada por um capítulo do livro "When Bodies Remember" de Dider Fassim, sobre experiências e políticas da aids na África do Sul. Estes autores estão preocupados em mediar ou colapsar as dicotomias corpo-mente, individual-coletivo, natureza-cultura, pensamento-ação, entre outras. Eles se reportam a *embodied experiences*–experiências corporificadas–as quais podem ser comparadas a uma memória que temos, que nos pertence porque faz parte da nossa história e está sempre conosco. A diferença com relação à memória é que esta já parte da dicotomia mente-corpo e da primazia da mente sobre o corpo. O grande desafio da perspectiva do *embodiment* está em colapsar as dualidades, tendo em vista que as experiências não se apresentam para nós como dicotômicas. Quando as pessoas experimentam um sofrimento, não têm como definir se ele é corporal *ou* mental; físico *ou* psicológico. Sofrimento é tudo isso junto. As pessoas vivem integralmente esta experiência e por isso, para sua análise do ponto de vista antropológico, é preciso evitar partir dessas separações. Do ponto de vista do *embodiment*, não seria possível separar os processos de assimilação ou aprendizado social, da expressão do sofrimento. Isso seria já cair numa dicotomia a qual esta perspectiva está desafiando. O corpo como "locus" de produção e atualização dos sentidos é um "corpo socialmente informado" que está relacionado com percepção e expressão dos sentimentos. Assim, o sofrimento se expressa através da nossa própria presença no mundo social.

AGENDA

calendário nacional

AGOSTO

▸ *14 e 15*

SPPel - Sociedade Psicanalítica de Pelotas
"Psicanálise e tratamento de casais"

▸ *20, 21 e 22*

SPPA - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
Bion por Giuseppe Civitarese na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

▸ *20 e 21*

SPR - Sociedade Psicanalítica do Recife
XXVI Encontro Interrregional de Psicanálise de Criança e Adolescente da FEPAL

▸ *27 e 29*

GepFor - Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza
VII Jornada de Psicanálise do GepFor "Represent Ação: o lugar no psíquico"

▸ *De agosto a novembro:*

GEPMG - Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais
"Diálogos Psicanalíticos" com temas sobre a sexualidade

SETEMBRO

▸ *12*

SBPSP - Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
"Universidade e Psicanálise: *Diálogos sobre a Violência*"

OUTUBRO

▸ *01 a 03*

SBPRJ - Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
Simpósio de lançamento da Revista Calibán – FEPAL
"Revista Calibán no Rio – Ferramentas do Analista"

▸ *02 e 03*

SPRJ - Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro
Atividade de encerramento do Ano Comemorativo dos 60 anos:
"Perspectivas da Psicanálise"

▸ *17*

GPC - Grupo Psicanalítico de Curitiba
VIII Jornada do Grupo Psicanalítico de Curitiba

▸ *28 a 31*

FEBRAPSI - Federação Brasileira de Psicanálise
XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise

NOVEMBRO

▸ *19 a 21*

SBP de PA – Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre
"Corpo, pulsão e figurabilidade"

XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

VALORES DE INSCRIÇÃO

CATEGORIA	DE 01/05/2015 ATÉ 16/10/2015	LOCAL DO EVENTO (A PARTIR DE 28/10/2015)
Membros Febrapsi	R$ 700,00	R$ 750,00
Candidatos	R$ 550,00	R$ 600,00
Profissionais não membros	R$ 800,00	R$ 850,00
Estudantes Universitários	R$ 500,00	R$ 550,00
Working Party	R$ 150,00	R$ 150,00
Jantar de Confraternização	R$ 260,00	R$ 260,00

Informações: www.congressofebrapsi.org.br

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Aloysio Augusto D'Abreu
Secretário Geral: Paulo Cesar C. Lessa
Tesoureiro: Rosângela de O. Faria
Dir. Científico: Daniel Delouya
Dir. Conselho Profissional: Ana Paula T. Machado
Dir. Publicações e Divulgação: Zelig Libermann
Dir. Relações Exteriores: José Fernando de Santana
Dir. Superintendente: Vera Lucia de F. Benchimol

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO
Karel De Ublo

SECRETARIA
Renata Lang Marcel

CONSELHO PROFISSIONAL
Diretora: Ana Paula T. Machado
SBPSP: Alicia B. D. de Lisondo
SPRJ: Paulo Cesar C. Lessa
SBPRJ: Wania Maria C. F. Cidade
SPPA: Jair R. Escobar
SPR: Eduardo Afonso Jr.
SPB: Sylvaim N. Levi
SBPdePA: Beatriz S. Behz
SPPel: José Francisco R. Pereira
SBPRP: Maria Auxiliadora Campos
APERJ-Rio4: Sergio Antônio C. da Costa
SPMS: Ana Deise L. Cardoso
GEPMG: Elieane de Andrade
GEPG: Daniel Emídio de Souza
GEPFor: Roberto N. Teixeira
GEPCampinas: Hang Ly Homem de I. Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Editor: Bernanrdo Tanis
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

CONSELHO CIENTÍFICO
Diretor: Daniel Delouya
Secretária: Beatriz T. Busatto
SBPSP: Vera Regina J. R. M. Fonseca
SPRJ: Marisa Helena L. Monteiro
SBPRJ: Liana A. de M. Bastos
SPPA: Maria Elisabeth Cimenti
SPR: Carolina C. Henriques
SPB: Mirian Elisabeth B. R. de Gregorio
SBPdePA: Silvia Skowronsky
SPPel: Christine M. C. Vinhas
SBPRP: Lia Fátima C. Falsarella
APERJ-Rio4: Eliana Lobo
SPMS: Joelma D. Victoriano
GEPMG: Rosália L. M. Bicalho
GEPG: Marísia Abrão
GEPFor: Galba L. Junior
GEPCampinas: Martha P. e Silva
GPC: Sérgio Kaio

DELEGADOS
Ana Cláudia de Almeida
Álvaro Velloso
Ana Paula T. Machado
Andreas Z. Linhares
Anette B. Luz
Carlos de A. Vieira
Celmy de A. A. Q. Correa
Christine M. C. Vinhas
Edival Antonio L. Perrini
Gisèle de M. Brito
Hang Ly Homem de I. Rochel
Helena A. Surreaux
Hemerson Ari Mendes
Jose de Matos
José Fernando de S. Barros
Judit Letsche
Lenita O. Araújo
Luiz T. O. Lima
Magda S. Passos
Maria Adelaide da C. N. Leonardo
Maria de Fátima Chavarelli
Marísia Abrão
Nelson José N. Rocha
Nilde J. P. Franch
Paulo Marchon
Rachel B. L. Beltrame
Regina P. Klarmann
Roberto C. Jabur
Sergio Cyrino
Sergio Eduardo Nick
Sérgio Kehdy
Valton de M. Leitão

Soc. Bras. de Psicanálise de São Paulo (SBPSP):
Nilde J. P. Franch
Soc. Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ):
José de Matos
Soc. Bras. de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ):
Celmy de A. A. Q. Correa
Soc. Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA):
Anette B. Luz
Soc. Psicanalítica do Recife (SPR):
José Fernando de S. Barros
Soc. de Psicanálise de Brasília (SPBsb):
Carlos de A. Vieira
Soc. Bras. de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA):
Helena A. Surreaux
Soc. Psicanalítica de Pelotas (SPPel):
Hemerson Ari Mendes
Soc. Bras. de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP):
Rachel B. L. Beltrame
Assoc. Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ -Rio4):
Maria Adelaide da C. N. Leonardo
Soc. Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS):
Lenita O. N. Araújo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG):
Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG):
Álvaro A. Velloso
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor):
Paulo Marchon
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEP Campinas):
Nelson José N. Rocha
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC):
Edival Antonio L. Perrini

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS
N. de Psicanálise de Marília e Região
N. Psic. de Natal
N. Psic. de Maceió
N. Psic. de Florianópolis
N. Psic. de Aracaju
N. Psic. do Espírito Santo
N. Psic. de Salvador
N. Psic. de Santa Catarina